

Blumenau em cadernos

TOMO XXXI

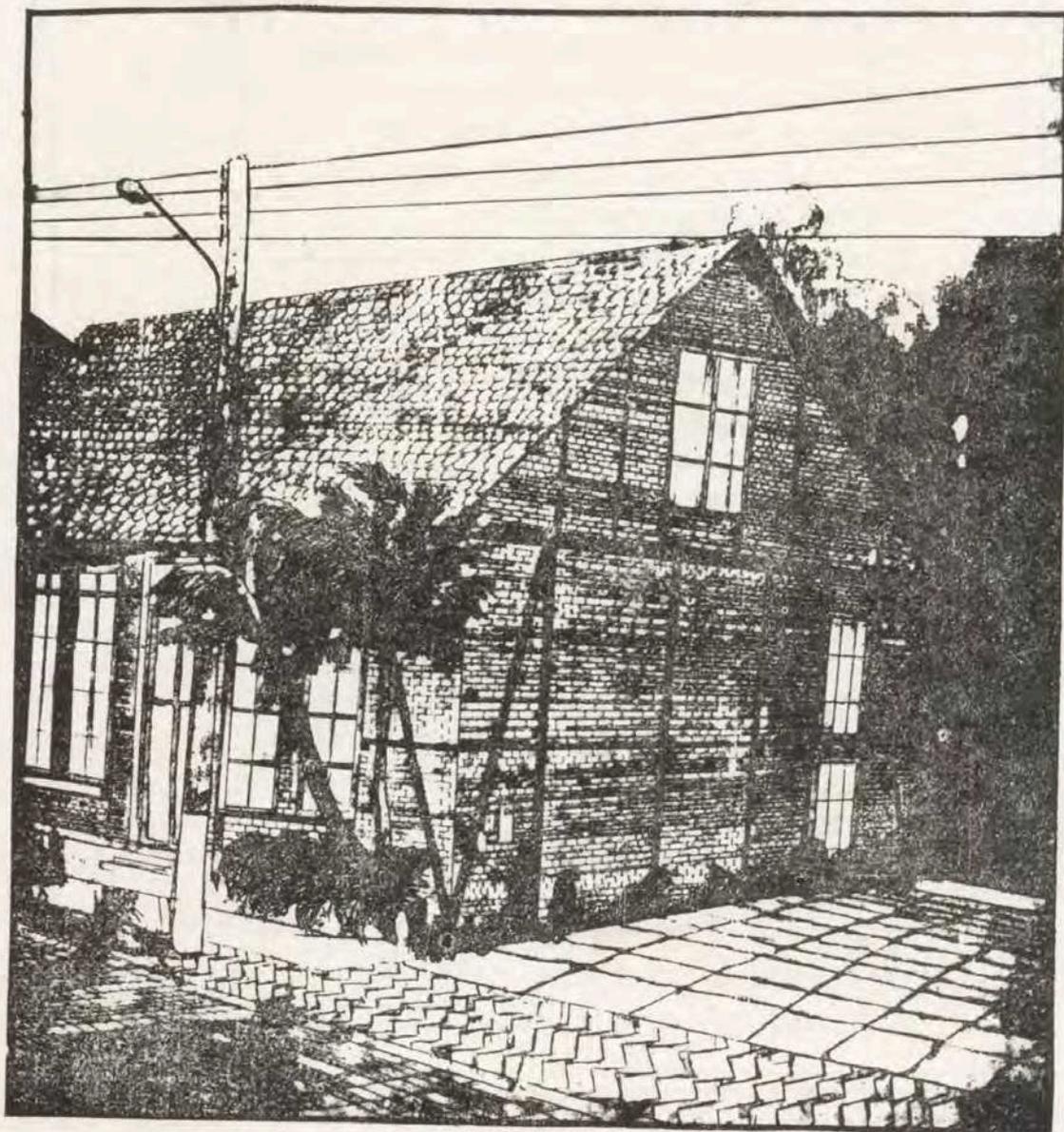
Setembro de 1990

Nº. 9

PORTE PAGO

DR/SC

ISR-58 - 603/87



A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", editora desta revista, torna público o agradecimento aos aqui relacionados pela contribuição financeira que garantirão as edições mensais durante o corrente ano:

TEKA — Tecelagem Kuehnrich S/A.
Companhia Hering
Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos
Casa Willy Sievert S/A. Comercial
Gráfica 43 S/A. Indústria e Comércio
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.
Livraria Blumenauense S/A.
Schrader S/A. Comércio e Representações
Companhia Comercial Schrader
Buschle & Lepper S/A.
João Felix Hauer (Curitiba)
Madeireira Odebrecht Ltda.
Móveis Rossmark
Arthur Fouquet
Paul Fritz Kuehnrich
Dietrich Schmidt
WANGNER — Reutlingen — R.F.A.
Walter Schmidt Comércio e Indústria
Eletromecânica Ltda.
Cristal Blumenau S/A.
Moellmann Comercial S/A.
Casa Mayer
Lindner, Herwig, Shimizu — Arquitetos e Associados
Sul Fabril S/A.
Auto Mecânica Alfredo Breitkopf S.A.
Maju Indústria Textil Ltda.
HOH Máquinas e Equipamentos Ind. Ltda.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXXI

Setembro de 1990

Nº. 9

SUMÁRIO

Página

O diário do Conde F. C. Raben sobre sua visita à Colônia São Pedro de Alcântara (SC) em 1835	190
A História da Estrada para o Spitzkopf	198
Câmara dos Vereadores da cidade de Hasselfelde e o Prefeito, saúdam Blumenau	200
Registros de Tombo anotados pelos Padres Franciscanos	201
Subsídios Históricos	204
Autores Catarinenses	206
O aniversário do Bela Vista Country Club	209
O problema das enchentes	211
Um jardim modelo na Colônia	212
A literatura da imigração alemã de Santa Catarina	213
A Família Blumenau	215
Aconteceu — Setembro de 1990	217

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. n.º 19

Assinatura por Tomo (12 n.ºs.) Cr\$ 350,00 + 150,00 (porte) = Cr\$ 500,00
Número avulso Cr\$ 30,00 — Atrasado Cr\$ 50,00

Assinatura para o exterior Cr\$ 800,00 + 700,00 (porte via aérea) Cr\$ 1.500,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 22-1711

89.015 — B L U M E N A U — S A N T A C A T A R I N A — B R A S I L

Capa - Desenho: Elias Boell Júnior * Clichê: Gentileza da Clicheria Blumenau Ltda.

O diário do Conde F. C. Raben sobre sua visita à Colônia São Pedro de Alcântara (SC) em 1835

Raulino Reitz*

Tradução e comentário

Histórico

Ao elaborar o trabalho «História da Botânica Catarinense» publicado em Anais Botânicos do Herbário «Barbosa Rodrigues» n.º 1 (1949), pág. 67, descobri que o dinamarquês Conde F. C. Raben (1769-1838) visitara, em 1835, a recém fundada Colônia de São Pedro de Alcântara no seu 7.º ano de fundação.

Na Europa ao visitar, em 1968, os principais institutos de botânica e seus herbários, soube do botânico dinamarquês Knud Rahn que F. C. Raben deixara um diário de sua viagem pelo Brasil escrito em dinamarquês antigo. A meu pedido de traduzí-lo para o inglês, K. Rahn obsequiosamente remeteu-me sua versão em novembro de 1969. Somente agora, vinte e um anos depois, colhi tempo de trazê-lo ao público em vernáculo. É mais uma janela aberta aos historiadores concernente à saga vivida pelos heróicos primeiros povoadores aler.ões de Santa Catarina, largados na floresta bravia, sem apoio técnico e monetário oficial, tampouco empresarial. F. C. Raben deixou-nos um relato precioso de como labutavam os expedicionários e cientistas do Velho Mundo em busca do conhecimento da flora e fauna do Brasil, movidos por um ideal digno de nossa admiração e reconhecimento.

Biografia de F. C. Raben (1769-1838).

Frederik Christian Raben, Conde de Christianholm (hoje Alholm),

na ilha de Lolland situada ao sul da Dinamarca, nasceu a 23 de março de 1769. Fruto de seu conhecimento e amizade com o renomado botânico dinamarquês Martin Vahl (1749-1804) dedicou-se à Botânica. Realizou diversas expedições botânicas para a maioria dos países europeus, à Islândia (1821), Groelândia (1823) e Ilhas Faroe (1831). Em 1834 viajou para o Brasil, onde coletou material botânico e zoológico nos estados de Santa Catarina, São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, vindo a falecer no Rio de Janeiro a 6 de junho de 1838.

O botânico dinamarquês Knud Rahn, em carta a mim endereçada, traça valiosas considerações pessoais, em 1969, sobre o Conde Raben:

«Visitei o castelo Alholm, em setembro de 1969, quando em companhia do Barão O. Raben Levetzau, atual proprietário do castelo, examinei a coleção de pinturas e achei um belo retrato dele, que eu fotografei e lhe envio juntamente com o negativo. Ele não estava datado, mas foi pintado pelo mais famoso retratista de seu tempo, Jens Juel, que viveu de 1745 a 1802. No parque arborizado existe um busto dele, provavelmente aí inaugurado pouco após 1838, do qual também vai um negativo.

«O herbário de F. C. Raben é conservado no Museu Botânico, em Compenhagen. É relativamente grande, cujo número de plantas é desconhecido. Estima-se em 1800 espécimes.

«A impressão que tive de F. C. Raben, através da leitura de seu diário, é de ser ele filho da época do Iluminismo. Ele se interessou pela Botânica, mas nunca aspirou ser mais que um amador. Interessou-se também em muitas outras coisas. Na verdade, sonhava em conhecer o mundo em que vivia. Quando ficou rico teve condições de viajar. Hoje o chamaríamos de turista. Curiosamente conheço bem os países em que ele viajou. Todavia, praticamente nada sei da pessoa de F. C. Raben. Ele nada mais foi do que um observador. Poderia-lhe talvez parecer que um diário não seria lugar apropriado para transmitir suas comunicações pessoais. Seria que a simples curiosidade fosse razão suficiente para um conde rico, de 65 anos, iniciar uma perigosa viagem para o Brasil no ano de 1834?».

Parte do herbário de F. C. Raben era conservado no Museu Botânico de Copenhague, ficando o restante no Castelo de Alholm. Atualmente todo ele se acha reunido no Museu Botânico acima citado. No Jardim de Alholm ele plantou um arboreto, rico em espécies.

Itinerário de F. C. Raben no Brasil.

1834

17 set — da Dinamarca (navio)
07 out — a Lisboa
16 nov — de L. (navio)

1835

04 jan. — a Rio de Janeiro
26 set — do Rio (navio)
02 out. — a Santos
09 — de Santos (navio)
18 — a S. Catarina
21 — de S. C.
22 — de S. Pedro de Alcânt.
26 — de S. P. de A.
26 — a S. Catarina

01 nov. — de S. C (navio)
06 — a Santos
23 — de Santos
24 — a São Paulo
02 dez — de S. P.
08 — a Sorocaba
23 — de S.
23 — Ipanema

1836

02 jan. — de I.
02 — a Itu
19 fev. — de I.
21 — a Campinas
27 mar. — de C.
05 abr. — a Ouro Fino
10 — de O. F.
10 — a Borda do Campo
11 — de B. C.
11 — a Pouso Alegre
18 — de P. A.
19 — a St. Ana
20 — de S. A.
23 — a Campanha
13 jun. — de C.
13 — a São João del Rei
29 — de S. J. del R.
05 jul. — a Ouro Preto
20 — de O. P.
23 — a Congonhas
25 — de C.

1836

04 ago. — de Ouro Preto via Capão, Carreira, Queluz, Barbacena, Nascimento, Tapera, Mederos, Vares-Farina, Paco, Volta.
22 — a Porto d/Estrela
23 — de P. d. E. (barco)
24 — a Rio de Janeiro
10 set. — Ilha do Governador
11 — I. G.
04 out. — Engenho Velho
12 — Praia Grande

1837

24 mai — de Rio de Janeiro a St. Cruz
24 jun. — a Rio de Janeiro
19 out. — do Rio (barco)

19 out. — a Nova Friburgo
04 dez — a Rio de Janeiro

1838

29 mar. — do Rio à Serra dos Órgãos

14 abr. — a Rio de Janeiro

NOTA — Aqui termina o diário. F. C. Raben faleceu no Rio de Janeiro a 6 de junho de 1838. Itinerário extraído do diário de F. C. Raben pelo botânico dinamarquês Knud Rahn, em 1969, por mim traduzido.

Diário do Brasil de F. C. Raben — vol. 1 p. 251 — 273
17 de outubro de 1835

Corria uma manhã calma, quando vimos terra. Às 2 horas da tarde soprava um vento favorável e, em pouco tempo, estávamos na baía entre o continente e Santa Catarina, em que se situavam diversas ilhas pequenas. A terra, em ambos os lados, é montanhosa e coberta de floresta. As nuvens pairavam muito baixas cobrindo os morros, dando a impressão de que muita chuva caíra nesses dias, não obstante a ausência de precipitação nos últimos dias e noites. Rumo ao continente, à direita, estava o forte de Santa Cruz, e na ilha de Santa Catarina o forte de Ponta Grossa. Atrás de nós foi-nos anunciada uma grande ilha envolta em neblina. Passamos perto de outra linda ilhota coberta de floresta. Um barco com 6 homens veio ao nosso encontro e perguntaram se tínhamos alguma notícia acerca do novo Presidente, cuja chegada estava sendo aguardada em Santa Catarina.

18 de outubro

De manhã, às 7 horas, ancora-

mos em Santa Catarina. Trazia eu uma carta comendatícia para o sr. Miguel Joaquim do Livramento, um negociante que imediatamente me ofereceu um grande quarto na casa de seu irmão. Em lugar de vidraças havia duas folhas de madeira, que se necessário podiam ser abertas, e na parte interna altas meias-portas.

21 de outubro

De barco naveguei de Santa Catarina para o continente, numa distância não maior de 2 km da ilha. Queria chegar à colônia de alemães em São Pedro de Alcântara situada 30-37 km continente a dentro. No caminho vi muitas grandes **Fourcraea gigantea** (piteira), que alcançavam considerável altura, com folhas de 7-8 pés, ou mais, sem flores. **Calanchoe crenata** (saião, folha-de-fortuna) era frequente. Mais adiante encontrei um **Solanum** (canemeira), pequena árvore de 24 pés de altura, **Canna indica** (cana-da-índia), **Araucaria** (pinheiro), **Bromelia** (banana-do-mato, gravatá); plantações de cana-de-açúcar, algodão, mandioca e banana. Ao longo do caminho, aqui ou acolá, eram cultivados cafezeiros e laranjeiras. Perto da praia as árvores eram desfiguradas pelo vento, todas inclinadas para o lado oposto, como se pode ver nas florestas da Europa. Num lugar os arbustos pareciam na maioria plantados em fileira, com suas copas inclinadas.

Por falta de cavalos de montaria caminhamos uns 7 quilômetros. De noite fui hospedado por um alemão de Coblença, que morava numa pequena casa junto ao caminho. Aqui já encontramos diversões alemães.

22 de outubro

Daqui, de manhã, cavalgamos 30 km até a colônia de alemães, que leva o nome de S. Pedro d'Alcântara, com quase 7 anos de fundação. Ao lado do caminho **Sida carpinifolia** (guaxuma) vegeta por toda a parte. Esta planta é fácil de ser reconhecida pelas pontuações amarelas nas folhas. Um par de robustas e altas araucárias com copas horizontais foram vistas perto da estrada. Uma espécie de **Croton** (pau-sangue) de cerca de 40 pés de altura aparecia de longe com suas flores brancas, fixas em espigas compridas. Mais longe foram vistas lindas palmeiras, laranjeiras ainda bem carregadas de frutas, mesmo no fim da estação. Frutas apareciam caídas no chão às centenas, não aproveitadas pelo povo, que neste país não aprecia laranja. Era frequente a bela e comum **Oxalis** (azedinha) de flores vermelhas e violetas; também **Clidemia** (pixirica) com paniculas vermelhas. Admiráveis samambaias arborescentes (xaxins) não eram raras; vi entre outras uma de especial beleza de 30 pés de altura 4-5 polegadas de diâmetro. Fantásticas palmeiras, da espécie que os brasileiros denominam palmiteiros, cujas «cabeças» eles comem; grandes espécimes de **Elaeis guineensis** (dendê; sou de opinião que o autor pretendia indicar **Atalea dubi** (coqueiro-indaiá) que a grosso modo se parece com o dendê, palmeira africana), uma das espécies de **Vernonia** (pau-toicinho), pequenas árvores de 30-40 pés de altura; uma pequena **Mimosa**, de 4 pés de altura com flores amarelas; uma **Mirabilis** (maravilha, bonina), com flores brancas; uma **Malpighia** enroscando nas árvores; uma **Bignonia** (ipê-amarelo),

pequena árvore de 20 pés de altura, com flores amarelas; **Arum** com folhas semipinadas (imbé-mirim) de 2-3 pés de compr.; a **Rettbergia bambusoides** (criciúma) corria por cima de outras árvores e arbustos formando colunas de 40 pés de altura e 8-10 pés de diâmetro. Perto da estrada erguia-se uma árvore de 60 pés de altura com flores vermelhas na copa; nosso guia trepou-a e apanhou algumas delas, que ao examiná-las verifiquei ser de uma **Erythrina** (mutuqueira).

Meio caminho andado, encontramos um pequeno rio de 30-40 pés de largura, que se manteve à nossa esquerda no restante do dia. No rio havia pedras; sobre algumas corria água formando cachoeirinhas que davam uma vista muito atrativa à toda região de montanhas e vales cobertos de floresta; para mim tudo parecia muito interessante graças à muitas plantas e coisas novas. Mas o caminho era muito ruim por causa das pesadas chuvas caídas no mês passado. Os cavalos atolavam a miúde até a barriga e a gente montado neles ficava muito apreensivo, especialmente nas subidas e descidas. Os animais aqui não são ferrados para poderem andar mais facilmente no chão mole do caminho; no entanto escorregam mais facilmente. Junto ao rio cresciam malhas de uma planta muito semelhante à **Alpinia nutans** (lírio-dobrejo; o nome científico correto é **Hedychium coronarium**). Uma extraordinária **Justicia** (junta-de-cobra-vermelha) com grandes flores vermelhas era vista aqui e acolá, ao longo do caminho. Alguém nos mostrou uma pequena larva, semelhante a uma lagarta, com longos pêlos no corpo, de 1 polegada de comprimento, que nos foi dito ser extremamente venenosa, porquan-

to tocada acarretaria morte inevitável.

Antes da colônia dos alemães, há uma colônia de portugueses. Aqui vimos um engenho de açúcar tocado por 2 bois com antolhos. Há três cilindros, entre os quais é enfiada a cana-de-açúcar. O caldo espremido corre para dois grandes cochos, onde fica por dois, ou três dias para ser fermentado. Em seguida é destilado para fazer cachaça. A guarapa é uma gostosa bebida refrescante.

Cheguei à colônia dos alemães às 4 horas da tarde. Cá havia plantações de linho, mandioca, etc. A floresta em muitos lugares foi derubada e queimada para fertilizar o solo com as cinzas. O tempo estava bastante bom, com exceção de pouca chuva à tarde. Hospedei-me na casa de um jovem francês. À noite escutei um barulho, que me parecia ter sido produzido por um bando de cães; mas perguntando fiquei admirado, porque vinha de uma espécie de sapos cujos gritos eram reforçados pelo eco das montanhas. Não foi o único barulho da noite. Outros sapos e insetos também foram escutados, mas não foi tão fortemente como os primeiros sapos. Meu hospedeiro contou que este barulho às vezes pode ficar tão forte que é difícil duas pessoas conversar em casa. Cobras venenosas são comuns aqui, tanto que 5 a 6 pessoas chegam a ser mortas por ano.

23 de outubro

Em companhia de meu hospedeiro e outro homem fui a um morro na vizinhança para caçar pássaros. Matamos alguns *Tanagrae* (gaturamo-rei fêmea) com uma mancha vermelha na cabeça, um *Lanius* (pitiguari) e um *Crotophaga ani*

(anu-preto). O caminho deste morro era muito difícil. Subia e descia. Às vezes tínhamos que andar sobre troncos caídos por cima de fundos vales. Em muitos lugares a floresta tinha tantos cipós que tínhamos que parar a cada instante. Além disso era perigoso caminhar nessas montanhas. O homem que nos acompanhava pisou acidentalmente numa cobra enrolada, das mais perigosas. A jararaca sem dúvida o teria picado se ele não saltasse para longe. O homem pegou um porrete e matou a cobra. Se ela o tivesse picado provavelmente teria morrido. A cobra, à semelhança das venenosas, tinha uma cabeça chata. Media 4 pés de comprimento, mas afirma-se que existem de 9 pés. Às vezes se aproximam das casas. No dia em que cheguei meu hospedeiro matou uma junto à sua casa. Falei com seu sogro e vi uma de suas filhas que foi picada pela tal cobra. Seu corpo inchou horrivelmente e ficou doente por longo tempo, mas sobreviveu. Apesar disso a gente simples sempre anda de pés descalços. Perguntei ao homem que nos acompanhou se ele não tinha medo de caminhar descalço. Respondeu-me que Deus o protegia. Alguém me contou que há pouco tempo uma criança deitada numa choupana foi morta por uma dessas cobras. Na selva vi muitas armadilhas para apanhar caça. Consistem em 3-4 troncos deitados por cima de uma pequena trilha cercada, que caem e matam o animal quando ele bate numa pequena vara. Flores de *Fuchsia* (brinco-de-princesa) muitas vezes estavam caídas no chão. Os caules trepam tão alto em árvores que as folhas não podiam ser vistas. De cipós havia diversas espécies: uns finos, outros grossos, que crescem enros-

cados de forma curiosa. Alguns estavam dependurados nas árvores com raízes fixas no solo. Comum era o palmitreiro, uma admirável palmeira com tronco alto e linda copa. **Alpinia nutans** (lírio-do-brejo; o nome científico correto é **Hedychium coronarium**) com flor, **Geonoma** com coquinhos novos, **Heliconia** (caité-banana) e **Begonia** com flores vermelhas (begônia-trepadeira-vermelha). No geral muito poucas ervas estavam floridas, o que foi uma pena.

Logo após o pôr do sol, começou a horrível coxada dos diferentes sapos, etc. Por momentos se faz silêncio, mas logo tudo começa de novo. Uma doença denominada mal-da-terra (é uma endemia) é comum aqui. As pessoas ficam pálidas, perdem energia, e se vão longo tempo até a recuperação. Diz-se provir de má dieta. Muitos são pobres. O povo em geral só come carne-seca com farinha de mandioca e milho torrado em lugar de café. A saudade parece torturar a maioria dos colonos, que desejam voltar para a sua pátria; mas a maior parte não pode por falta de recursos.

24 de outubro

Hoje fez tanto frio que tive que vestir bastante roupa para resistir à friagem nos ambientes da casa, que são construídos de tal forma que há correnteza de ar por toda a parte. Parece que os bras leiros apreciam isto. O clima aqui é consideravelmente mais frio do que no Rio de Janeiro. É como na Itália, onde se sofre mais frio do que na Rússia. Nos países nórdicos o povo considera o frio como inimigo, precisando munir-se contra a friagem. Nos países sulinos, ao contrário, onde o calor muitas vezes é

insuportável, gosta-se do frio; e por ser tão raro ninguém pensa em proteger-se contra ele. Contaram-me que em certas ocasiões o frio é mais intenso do que hoje, formando fina crosta de gelo sobre a água, com geada na relva. Fora de casa o frio não é tão forte, enquanto dentro castiga deveras.

Próximo ao sítio há muitos engenhos de açúcar. Observei alguns movidos a água. Neles a cana-de-açúcar é espremida, a mandioca é rapada, o arroz é descascado, e o milho é moído, tudo tocado pela roda de água. A raiz da mandioca é ralada numa grande roda guarnecida com uma chapa áspera presa com arcos de ferro fixos na sua margem. A massa ralada é posta em grandes cochos de madeira, onde o caído, que é venenoso é estraído. Após isto a massa é posta em tachos de cobre para secar. O milho é moído em farinha entre duas mós de pedra. O arroz é posto numa máquina de bater para soltar a palha. Depois é limpo numa peneira. Neste batedor alguns preparam o linho.

Uma data colonial alemã tem o comprimento de uma curta caminhada de um dia, mas não tão larga. Foram-lhes feitas promessas, que terminaram mal cumpridas. Não há escolas. Se crianças necessitam aprender algo, os próprios pais precisam ensiná-las.

24 de outubro

Aqui o «olho» do palmitreiro é muito comido, por ser um alimento gostoso, de gosto algo semelhante a aspárago. Quando se quer servir duas pessoas, precisa-se cortar 3-4 palmitreiros. Aproveita-se apenas a parte superior, que pode ter 30 cm de comprimento. Derrubam-se as árvores sem hesitação. A

floresta é considerada sem valor, como mato que se queima, parte para ganhar espaço, parte para fertilizar o solo. Aproveita-se apenas a lenha para as casas. Algumas grandes áreas são cobertas de troncos nus apodrecendo numa barafunda. Um fulano separou madeira para construir uma igreja, mas a obra parou. Na colônia há duas, ou três capelas, onde o povo se reúne para crar e cantar. Os colonos professam a religião católica.

Diferentes artesãos vivem na região, como ferreiros, carpinteiros, marceneiros, sapateiros, etc. Uma parte dos lavradores mora ao longo de um pequeno rio, que aqui serpeia, e outra parte à margem do caminho, no outro lado oposto.

Ao meio dia apareceram 3-4 homens tocando 30 bois provenientes de Lages, cerca de 210 km para o interior, onde há um vice-presidente. O caminho atravessa a floresta, que nesta época é precaríssimo. Alguns bois andavam soltos, comendo pelo caminho. O gado é abatido na vila de São José, na estrada para Santa Catarina, a 28 km daqui. A carne é vendida em Santa Catarina. Os tropeiros estavam armados com espingardas e levavam pistolas na cintura. Alguns pareciam mestiços de índio e apresentavam aparência rude. Um dos bois foi abatido junto à casa, o que foi feito do modo seguinte: O laço foi amarrado nos chifres; a outra ponta nos arreios do cavalo montado por um homem. O boi no começo tentou ir de ré, mas quando viu que não dava, correu para a frente. O cavaleiro desviou para o outro lado para pará-lo de novo. Enrolou em seguida a corda num cepo e pôs-se a puchá-la até que o boi parou quieto, momento em que o homem avançou e deu um golpe

de facão na garganta. O boi não tombou de imediato, ficando em pé quase por um quarto de hora. O sangue esguichava após diversas facadas. Os tropeiros descansaram em casa por uma hora para deixar o gado comer num pasto. Nada pagaram por isso.

Contratei um bom atirador, um ferreiro chamado Schmidt, para me caçar pássaros. Conseguiu diversos interessantes dos gêneros **Taíagra** (gaturamo-rei), **Mctacilla** (caminheiro), **Corvus** (gralha), **Ramphastos** (tucano), **Picus** (pica-pau), **Ferdix** (codorna; impossível de aí existir; seria o uru), etc. De meio dia, ao brilho do sol, a temperatura era agradável; mas de manhã e à tarde era desagradavelmente frio. Pareciam-me ser este o motivo de na noite anterior ter escutado pouco coaxar dos sapos, e nesta noite nenhum de vez.

Os rapazes usam pequenos bodoques com duas cordas, entre as quais há fics atravessados; nestes eles põem pequenas pedras, ou pelotas de barro. A rapaziada é perita em atirar com eles, matando passarinhos.

26 de outubro

Montando retornei de São Pedro de Alcântara, às 8:30 da manhã. O tempo estava lindo, ensolarado. Não choveu nos últimos dois dias, tanto que o caminho estava melhor do que quando subimos. **Crophaga ani** (anu-preto) estavam voando ao nosso redor. Na forma e comportamento são muito parecidos com nossos corvos. Segui um pequeno atalho para a vila de São José. Perto da casa de um alemão, tomei um barco para Santa Catarina, cerca de 8 km daí. Navegamos muito devagar, levando 2 horas. A viagem foi muito bonita. A 100 pas-

ços da terra havia um singular agrupamento de pedras muito variadas em forma e tamanho. Sobre dois ou três blocos grandes descansa uma pedra menor, como se tivesse sido posta por mão humana.

29 de outubro

A pé fui a N. Senhora da Conceição, uma freguesia (vila com igreja paroquial) cerca de 14 km de S. Catarina, situada numa colina com bela vista sobre um grande lago próximo, dividido por um estreito quase em duas partes. Dum morro que passamos descortina-se belíssima paisagem, podendo-se avistar o mar e as dunas brancas espalhadas ao pé da montanha. Aqui se cultiva cana-de-açúcar, mandioca, etc. A estrada em parte era boa e corria por entre laranjeiras e **Mimosa** (maricá, silva); o trecho que passava por sobre o morro era péssimo, apesar do tempo bom. Foi pavimentada com grandes pedras, entre as quais a chuva abriu extensos regos. Nesta caminhada vi pouquíssimas plantas novas. As já conhecidas e comuns eram **Asclepias curassavica** (oficial-de-sala), uma **Vernonia** (chamarrita, assa-peixe) de flores azuis, **Lantana** (camará), uma de flores vermelhas, outra de flores brancas, **Sida carpinifolia** (guaxuma) e mais algumas outras malváceas. De novas achei uma **Comelina** sp. (Triandr. 1-gynia) (trapoeraba), uma **Poa** (pé-de-galinha), uma **Justicia** (junta-de-cobra-vermelha), com grandes flores vermelhas, que já havia visto no caminho para a colônia alemã, uma **Melastoma** (quaresma, orelha-de-onça) com flores violetas e de folhas prateadas e sedosas por baixo, um arbusto de 3-3,5m de altu-

ra, outro arbusto de 3-4m de altura, chamado vassoura, com frutos alados, uma **Silene** sp. (alfinete) de flores vermelhas, junto a uma casa, que poderia ser exótica. A maior parte da região era cultivada, sendo por isto muito pobre em plantas. Quase nenhum pássaro foi observado. Papagaios e tucanos podem ser vistos no inverno.

As ilhas de S. Catarina e S. Francisco pertencem à província de S. Catarina. A ilha de S. Catarina mede 9 milhas portuguesas de comprimento. É uma região montanhosa, em parte coberta de densa floresta. Aparecem grandes banhados. A base de todas as montanhas da costa é de granito, recentemente erodido, formando solo. Nos arredores há diversas pequenas ilhas, na maior parte cobertas de florestas. Entre essas uma traz o nome da ilha dos Papagaios, assim chamada, por serem aí vistas essas aves em determinadas estações. Contaram-me que no presente ainda se encontram alguns papagaios por lá. Em tempos passados, provavelmente, deve ter havido mais. O estreito entre a ilha e o continente é chamado estreito de S. Catarina; mede 200 braças de largura. Na ilha há alguns lagos de água doce. Os rios são: Vermelho em cujas margens são cultivados excelente melões; Rationes e Tavares. O clima é dito ser saudável e a temperatura não é muito alta por soporem do mar agradáveis ventos frescos. De maio até outubro são comuns os ventos marítimos, que então sopram geralmente do nordeste. Trovoadas são normais no verão.

Há diversas variedades de trigo. Cultivam-se mandioca, milho, arroz, cana-de-açúcar, variedades de feijão e café; também muito trigo, cevada, linho e tabaco. Vêm-

se igualmente laranjeiras, bananeiras, pés de abacaxi, de melão e hortaliças européas. Uma variedade de alho é famosa aqui por seu tamanho e qualidade. Uma porção de árvores são boas para madeira, como por exemplo, o sassafrás etc. Obtém-se cordame de **Ananas e Paullinia** (timbó). A criação de gado é insignificante. Anteriormente muitas baleias foram abatidas na região. Hoje esta indústria está em declínio. Neste ano apenas 7 foram mortas. Existe calcáreo e argila de oleiro, que são industrializados.

A cidade litorânea é denominada Nossa Senhora do Desterro, ou S. Catarina. As ruas são largas, mas não pavimentadas, exceto os passeios. As casas são geralmente sobrados. A igreja matriz traz o mesmo nome da cidade, Nossa Senhora do Desterro, sendo bem bonita e impressionante. As outras igrejas são: São Francisco e Rosário. Calcula-se a população em 6.000 habitantes. O hospital de Caridade situa-se fora da cidade.

1º. de novembro

Partida de S. Catarina para Santos.

(Tradução de R. Reitz baseada na tradução do botânico dinamarquês Knud Rahn para o inglês do diário manuscrito em dinamarquês antigo, guardado na Biblioteca Central de Copenhague. Para melhor compreensão do texto, apresento, em parênteses, os respectivos nomes populares dos nomes científicos de plantas e pássaros citados por F. C. Raben).

Bibliografia

CHRISTENSEN, Carl — 1924-26 — Den danske Botaniks Historie 3: 192. Copenhagen.

MARTIUS, C. F. P. Von — 1906 — Flora Brasiliensis, vol. I. München.

RAHN, Knud — Translation from the handwritten diary in Danish, kept in Botanisk Centralbibliotek in Copenhagen. Manuscrito.

REITZ, Raulino — 1949 — História da Botânica Catarinense — Raben, Conde Frederik Christian (1769-1838), em Anais Botânicos do Herbário «Barbosa Rodrigues», ano 1, nº. 1.

A História da Estrada para o Spitzkopf

(Continuação)

Garcia, 17 de agosto de 1938.

Relatório sobre o Spitzkopf.

A limpeza da Picada foi feita este ano como sempre é feita já nos anos anteriores. Em 21 de fevereiro foi iniciado o novo caminho com 3 - 4 homens.

Apesar dos muitos obstáculos, mas que foram transpostos, foi muito bem o trabalho. A subida em média é de 13-14% e o novo tre-

cho construído tem 2.458 m. Em comparação a velha Picada este novo caminho ficou mais longo em 200m. É não só mais cômodo mas também mais interessante. A visita a cabana foi muito fraca, talvez seja devido ao aspecto da «febre amarela» que estava grassando o vale.

(Sem assinatura).

Convocação e pedido aos amigos da natureza

O «Clube do Spitzkopf», com muito sacrifício construiu um novo e confortável caminho a partir da Colônia de Humpel até o pico. A mais difícil caminhada é agora a pé sobre estrada íngreme e até a Colônia Humpel. Para que a todos os amantes da natureza é possibilitado o acesso a mais bela montanha de Blumenau, deverá surgir uma estrada para automóveis, do sopé até o pico. Pedimos a todos que queiram contribuir para esta bela obra, participar com uma soma para este fim. O guarda da cabana se encarregará também pelo trabalho e o abaixo assinado assume o compromisso com o nome e a honra, de que as somas oferecidas serão empregadas devidamente, já que como um dos últimos moradores está também interessado para que se faça uma boa obra e para que possa ver rostos felizes que chegam ao seu domicílio.

Ass.:

Max Humpel

Em outubro de 1938.

Crônica sobre a Construção da Rodovia para o Spitzkopf

Depois que o «Clube do Spitzkopf» com muito sacrifício e gastos, a partir da Colônia Schleiff até ao pico construiu uma estrada nova de acesso com o excelente trabalho do guarda da cabana a Fritz Haase, deveria ser também melhorada a estrada desde o sopé junto a Schadrack até a Colônia Schleiff ou até ser construída uma rodovia, pois justamente este trecho é terrível de passar: no início ia através de matagal, por riachos cheios de pedras, por trechos com muita erva rasteira e o perigo de

cobras era grande. Na Roça de Labes todo fechado, depois pedregoso é muito perigoso de deslizamentos, junto a Riedel há uma profundidade rochosa muito lisa, quase sem acesso e estreita até a Colônia Humpel.

Tudo isto devia ser mudado, mas de onde tirar os meios? Como o Clube do Spitzkopf não tem condições de mais incomodar os seus associados, o abaixo assinado se lembrou de pôr mãos a obra com doações espontâneas apesar de que ele mesmo se assustava com as possíveis despesas. Mas felizmente o interesse foi muito grande e ele recebeu dinheiro doado com prazer e bastante, mesmo que o esforço da procura era grande, o sucesso satisfatório e o trabalho pôde começar. Foram primeiro atacados os lugares mais difíceis. De outubro a dezembro 4 homens conseguiram um trecho até Riedel através da rocha e sustentada por uma parede de pedras de 6 metros, depois que o trecho fora estudado por Humpel até a colônia Riedel.

Antes de Riedel era preciso fazer um grande aterro, centenas de carregamentos de terra foram precisos. Depois da queda d'água foi assegurado um deslizamento de terra por um muro.

Muitos trabalhos deram as obras no paredão rochoso onde existia um despenhadeiro de 80 metros de comprimento e cerca de 70 metros de largura e 2 a 3 metros de altura. Foram todos os trabalhos difíceis. Josef Bucher, Gustav Schwabe, Gus'av Müller, Fritz Haas, Paul e Artur Labes e, Edmund Boos, Oskar Stein, Leopold Gold e Max Humpel, todos felizmente não sofreram nenhum acidente.

Foram feitos 8 canais de pe-

dra, algumas pequenas passagens (pontes), 52 bueiros, 60m de canais receptadores, 1 ponte maior e mais sólida.

Infelizmente as dinamitações prometidas pela Câmara para outubro só foram feitas em julho do ano seguinte, razão porque não foi possível concluir a estrada antes. Grandes e pesadas cargas d'água, no verão, causaram no paredão prejuízos de cerca de 500\$000. Mas

em julho o pequeno terraço para automóveis estará pronto e futuramente deverão ser feitos alargamentos nos trechos mais estreitos.

E será para todos uma alegria de ver a montanha vencida em . . . 430m. Isto deseja de coração o autor ou melhor mentor desta obra e companheiro.

Max Humpel.
(Tradução: **Edith Sophia Eimer**)

CÂMARA DOS VEREADORES DA CIDADE DE HASSELFELDE E O PREFEITO, SAÚDAM BLUMENAU

O Prefeito e vereadores de Hasselfelde, enviaram ao Prefeito Victor Fernando Sasse, por ocasião dos festejos de fundação de Blumenau, a seguinte mensagem:

Hasselfelde, 21 de Agosto de 90

Prezado senhor Prefeito!

Os cidadãos da Cidade de Hasselfelde transmitem ao senhor e ao povo de Blumenau, para os

«140 anos de fundação da cidade»

os melhores cumprimentos, desejando a todos — paz, liberdade e principalmente saúde.

Com referência ao aniversário de sua cidade, em 2 de setembro de 1990, realizaremos em Hasselfelde uma exposição sobre Blumenau, dando um destaque especial ao fundador da cidade — Dr. Hermann Blumenau. Assim será inaugurado (em 2.9.90) uma placa comemorativa na casa em que o Dr. Blumenau nasceu.

Nas últimas semanas que passaram, também foi restaurado o monumento em memória do Dr. Blumenau. A mais, planejamos até dezembro, a instalação da «Sala-Dr. Blumenau». Talvez o senhor, algum dia, terá a possibilidade de visitar Hasselfelde. Aqui, desde já, o nosso convite oficial.

O senhor fala muito bem o alemão, foi isto que soube pe'a família do senhor Herbert Schlossmacher, de Curitiba. Recebí a visita deles em 3 de agosto de 1990, por ocasião duma viagem de férias à Alemanha. Eles planejam — para o aniversário da cidade — estar outra vez em Blumenau, trazendo na ocasião os meus melhores cumprimentos. Isto talvez já ocorreu, antes da chegada de minha carta.

Mantemos também boas relações com a bisneta do Dr. Blumenau, que reside em Berlim. No momento ela se acha em Blumenau, participan-

do dos festejos dos 140 anos de fundação. Em seguida nós queremos convidá-la a visitar Hasselfelde.

Aqui algo à respeito de minha pessoa:

Assim como o senhor, também eu, só há pouco tempo me acho no cargo. Foi em 6 de maio de 1990, por ocasião de primeiras eleições livres, que fui eleito como prefeito. Tenho atualmente 45 anos de idade, e nasci em Hasselfelde.

Não quero esquecer nesta ocasião, de transmitir os meus melhores cumprimentos ao senhor Alfredo Wilhelm, o qual tive o prazer de conhecer em 1975, por ocasião de sua primeira visita à Hasselfelde. Na época veio em sua companhia o senhor Félix Theiss, prefeito de Blumenau e o jornalista José Gonçalves, relações públicas.

Por hoje será só.

Terminando, mais uma vez, com os meus cumprimentos a Blumenau e seu povo.

ass. **Manfred Freitag**

e os cidadãos de Hasselfelde».

Tradução do alemão **Alfredo Wilhelm** — 30.8.1990)

Registros de Tombo anotados pelos Padres Franciscanos

Termos do Livro de Tombo (XIV)

Pe. Antônio Francisco Bohn

ANO DE 1932:

Termo 1: Nomeação de Fr. Felipe Niggemeier como provincial dos franciscanos e nomeação de novo pároco, Fr. Modestino Oesting.

Termo 2: Provisão de faculdades em favor do pároco, em 06.02.

Termo 3: Provisão de faculdades em favor dos coajutores, em 20.02.

Termo 4 Provisão em favor das capelas da paróquia, em 20.02.

Termos 5-6: Provisões de dispensa matrimonial em favor de José Kienen e Catharina Vogel (23.02), Leopoldo Goll e Guilhermina Rosembrock (02.02).

Termo 7: Visita de D. Pio de Freitas à matriz no período de uma semana.

(nova ordem dos termos).

Termo 3: Celebração da 1ª. Eucaristia na matriz de 100 crianças, em 03.04

Termos 4-5: Provisões de dispensa matrimonial (consanguinidade) em favor de Arthur Bauer e Anna Simon (28.05), Gabriel Horongoso e Anna Berndt (28.05).

Termo 6: Celebração do mês de maio: novenas e terços.

Termo 7: Celebração da festa e procissão de Corpus Christi pelas ruas da cidade.

Termo 8 Provisão de dispensa matrimonial em favor de Aleixo dos Santos e Hedwig Meybes (06.06).

Termo 9: Provisão de faculdades a Fr. Modestino Oesting, em 27.06.

Termo 10: Provisão de faculdades aos coajutores, em 28.06.

Termo 11: Celebração da fes-

ta de Pentecostes, em 10.06.

Termos 12-19: Provisões de dispensa matrimonial, mixtae religionis e consanguinidade em favor de Guilherme Bugmann e Anna Alfarth (12.07), Raimundo Klock e Luiza Müller (02.08), Theodoro dos Santos e Emma Issler (02.08), Armando Oecksler e Harry Gancke (13.09), Armando Boos e Ana Blork (13.09), Waldemar Sprenger e Irene Jan'sh (17.09), Conrado Moellmann e Iracema Barello (13.10), Valter Püetter e Elsa Borba (30.11).

Termo 20: Celebração da Festa de Cristo Rei na matriz, em .. 30.10.

Termo 21: Celebração do mês de outubro na paróquia: terços e novenas.

Termo 22: Celebração da festa do Espírito Santo, na matriz.

Termo 23: Encargos do Apostolado da Oração, Filhas de Maria e Irmandade do Bom Parto.

Termo 24: Relatório do movimento religioso do ano de 1932: Batizados (545), Casamentos (114), confissões (41.641), comunhões .. (62.017), 1^{as}. Comunhões (247), unções (142, visitas (168), viáticos (142).

ANO DE 1933

Termo 1: Provisão em favor de Fr. Modestino Oesting e coadjutores, em 01.01.

Termo 2: Provisões anuais das capelas.

Termo 3: Provisão dos fabri-queiros.

Termo 4-6: Dispensas matrimoniais em favor de Arthur Schneider e Paula Gormeio (17.12.32), August Probst e Leonora Dias (25.01), Francisco Klitze e Joana (sobrenome ilegível), Oswaldo Geissler e Gertrudes Tiess (15.02), Adolfo Molinari e Olga Wanke (15.02), Gustavo Bleicker e Rosa Gramlich ...

(17.03), Pedro Manoel Correa e Frida Gutknecht (07.04).

Termo 7: Provisão em favor de Fr. Rudolf Stuffertz e Fr. Eusébio, coadjutores da paróquia de Gaspar, em 21.04.

Termo 8: Dispensa de mixtae religionis em favor de Rolf Schmalz e Célia Vieira, em 02.05.

Termo 9: Provisão de Fr. Flaviano como coadjutor de Blumenau e Gaspar, em 18.05.

Termo 10: Dispensa de mixtae religionis em favor de Francisco Klovitz e Herena Lorey (26.05), Luiz Correa e Glau Koch (21.07).

Termo 11: Licença para a realização da Hora Santa em todas as 5^{as}. feiras do mês, em 29.08.

Termo 12: Dispensa de mixtae religionis em favor de Guilherme Barth e Herta Hadlich (09.10), Rudolf Reiner e Lúcia Imme (05.10).

Termo 13: Dispensa de consanguinidade em favor de Paulo Schwarz e Maria Knopf, em 05.10.

Termo 14: Dispensa de mixtae religionis em favor de Gustavo Frank e Wanda Kaspereid (20.12).

Termo 15: Devido a enfermidade do pároco, Fr. Beda respondeu pela paróquia de abril a junho.

Termo 16: Visita de D. Pio na quinta-feira santa de 1933.

Termo 17: Celebração da 1^a. Eucaristia na matriz, em 23.04.

Termo 18: Celebração do mês de maio com novenas e terços.

Termo 19: Restabelecimento da saúde do pároco que reassumiu a paróquia.

Termo 20: Celebração da festa de Corpus Christi e procissão pela cidade.

Termo 21: Procissão Eucarística pelas ruas da cidade, em 18.06.

Termo 22: Pregações sobre a Paixão de Cristo entre Ramos e Páscoa de 1933.

Termo 23: Celebração da 1ª. Eucaristia na festa de Cristo Rei.

Termo 24: As Irmãs de São José assumem o Hospital Municipal, em 15.10.

Termo 25: Ereção da Via Sacra na capela das irmãs do Hospital, em 26.10

Termo 26: Celebração da 1ª. Eucaristia de 110 crianças na matriz (repetido).

Termo 27: Informes sobre a celebração do Natal.

Termo 28: Movimento religioso de 1933:

Batizados (487), casamentos (104), confissões (33.984), comunhões (63.463), 1ªs. comunhões (284), visitas (130), capelas (10).

ANO DE 1934

Termo 1: Congresso Católico realizado na matriz em 30-31.12.33 e 01-02.01.34.

Termo 2: Provisões em favor de Fr. Modestino Oetsering e coadjutores, bem como provisões anuais das capelas.

Termo 3: Provisão para celebração dos sacramentos, em 14.02.

Termo 4: Dispensas de mixtae religionis em favor de Paulo e Martha Duwe (30.01), Francisco Samolewski e Anna Zoz (26.01), de consanguinidade em favor de Francisco Rolenski e Helena Vogel (10.05), Antônio Mates e Maria Nunes ... (22.05), Paulo e Gertrudes Ladewig (22.05).

Termo 5: Provisões em favor dos coadjutores da paróquia, em 15.03.

Termo 6: Provisões concedendo licença para os sacerdotes binarem missas, em 30.04.

Termo 7: Provisão que regula as Visitas durante o Jubileu, em 30.04.

Termo 8: Provisão em favor de Fr. Modestino, concedendo faculdades aos coadjutores, em 01.05.

Termo 9: Celebração da Via Sacra durante a quaresma de ... 1934.

Termo 10: Celebração da Semana Santa na matriz e capelas.

Termo 11: Celebração da festa de Corpus Christi e procissão pelas ruas da cidade.

Termo 12: Celebração do mês de maio com terços e novenas.

Termos 13-14: Dispensas de mixtae religionis em favor de Harry Wehmuth e Helena Stuhlert (15.06) e de consanguinidade para José Bellarmino e Luiza Aniceto (17.07).

Termo 15: Provisão nomeando Fr. Ernesto Emmendoefer, confessor extraordinário das Irmãs do Hospital Municipal, em 22.11.33.

Termo 16: Provisões de vigário provisório em favor de Fr. Flaviano (09.08) e de confessor ordinário em favor de Fr. Ernesto ... (10.08).

Termo 17: Afastamento temporário de Fr. Modestino em agosto de 1934.

Termo 18: Dispensas de mixtae religionis em favor de Hermann Newmann e Elisa Habitzreuter ... (10.08), Carlos Giotti e Elsa Maas (10.08), Alfredo e Cândida Olbrich (19.11) e de consanguinidade em favor de Aparício dos Santos e Maria Simão (30.10).

Termo 19: Encontro das Filhas de Maria das paróquias de Blumenau e Gaspar, em 15.11.

Termo 20: Carta Pastoral do Sr. Bispo sobre o Congresso Eucarístico Internacional de Buenos Aires, em 07.11.

Termo 21: Carta da Nunciatura Apostólica sobre missas e coletas, em 16.07.

Termo 22: Dispensa de mixtae religionis em favor de Alberto Batschauer e Elfrida Rautenberg, em 22.10.

Termo 23: Provisões de coadjutores em favor de alguns frades para as paróquias de Blumenau e Gaspar, em 18.09.

Termo 24: Provisão em favor do vigário para que receba evangélicos luteranos na Igreja Católica, em 20.12.

Termo 25: Celebração do Natal de 1934 e horário de missas.

Termo 26: Relatório anual do Movimento religioso:

Batizados (367), casamentos (132), confissões (39.086), comunhões (70.545), 1^{as.} comunhões (296), visitas (151), unções (104), capelas (10).

ANO DE 1935

Termos 1-3 Dispensa de mixtae religionis em favor de Erich Iwang e Irmgard Sabel (02.02), Arnold Schmidt, Arthur Turow ... (07.02), Wanda Kretzschmar, Hertha Schuhardt, Paula Imwoll ... (11.02).

Termo 4: Dispensa de consanguinidade em favor de Antônio Tichmann e Maria Vogel, em ... 11.02.

Termos 5-11: Dispensa de mixtae religionis em favor de Roland Lang e Adele Krochinski (27.03), Fortunato Zuchi e Olga Horn ... (11.04), Nestor Schaeffer e Hildegard Schultz (25.04), Valter Haupt

e Eleutéria Ramos (25.04), Alfons Hoenike e Maria de Souza (04.05), Bernhard Decker e Anna Loos ... (02.05), Antônio Ferreira e Etelvina Alves da Luz (12.05).

Termo 12: Provisões de vigário e coadjutores, em 22.02.

Termo 13: Provisão das capelas, em 11.02.

Termo 14: Provisão dada a Fr. Protásio sobre faculdades aos coadjutores, em 22.02.

Termo 15: Provisão de nomeação do coadjutor para a paróquia de Gaspar, em 20.02.

Termo 16: Nomeação de Fr. Protásio como confessor ordinário das Irmãs da Divina Providência, em 28.02.

Termo 17: Provisão de autorização para a celebração de missas no colégio Sagrada Família, em 20.02.

Termo 18: Licença para as celebrações litúrgicas da Semana Santa em Belchior.

Termo 19: Nomeação de fabricantes da matriz em 08.03 e notas sobre a Semana Santa de ... 1935. Apresenta também o Movimento religioso anual:

Batizados (584), casamentos (146), confissões (43.660), comunhões (73.560), 1^{as.} comunhões (362), visitas (172), unções (156), capelas (9).

Subsídios Históricos

Coordenação e tradução: Rosa Herkenhoif

Excertos do «Kolonie-Zeitung» (Jornal da Colônia, publicado na colônia Dona Francisca, a partir de 20 de dezembro de 1862.

Notícia de 24 de abril de 1869:

Colôn'ia Dona Francisca. — **Câmara Municipal.** O Governo Imperial indeferiu o pedido de ajuda, encaminhado pela nossa Câmara Mu-

nicipal, por motivo das recentes inundações, alegando o seguinte: O auxílio solicitado não se destinaria à população desabrigada e necessitada, e nem tampouco, serviria ao pagamento de despesas com o salvamento de pessoas em perigo, durante as enchentes dos rios Cubatão e Piraf, mas ao contrário, seria destinado ao conserto de caminhos e pontes e para indenização dos prejuízos causados na lavoura.

Notícia de mesmo dia:

Colônia Dona Francisca. — **A fécula de Araruta de Dona Francisca** encontra na Alemanha cada vez mais aceitação e procura, graças aos esforços dos senhores Becker & Franck, de Hamburgo. Em uma revista vienense, «Die Neuesten Erfindungen» (As Mais Recentes Invenções) de 19 de maio de 1868, encontra-se assinado pelo Sr. Dr. Th. Wimmel, o seguinte artigo:

O produto até aqui oferecido no mercado sob o nome de Polvilho de Araruta do Rio ou do Brasil muitas vezes também apresentado e comprado sob o nome de «Goma de Maranta», era a goma de «manihot utilíssima» e «Manihot Aipi». Recentemente foi importado do Brasil Meridional, mais precisamente da colônia Dona Francisca, o legítimo polvilho de araruta, portanto a goma de maranta. Alguns agricultores da colônia Dona Francisca experimentaram com sucesso o cultivo da «Maranta Arundinácea», planta não nativa do Brasil.

Os sers. Becker & Franck, em Hamburgo, que receberam uma remessa deste polvilho de araruta, ofereceram-me amostras que reconhecem serem de absoluta pureza. Deste modo este produto brasileiro, não sendo de preço superior, em breve fará concorrência ao polvilho de araruta das Índias Ocidentais, das Bermudas e de São Vicente. Quero aqui frisar que os produtos usados por Mialhe, Albers e outros, para diferenciar os tipos de polvilhos (cálcio e ácido clorídrico), não se aplicam ao polvilho de maranta e que a identificação das diversas espécies de polvilhos lançados no mercado, sob a denominação de polvilhos de araruta ou «*Anylum marantae*» só é possível por meio de exame microscópico».

Notícia de 12 de junho de 1869:

Desterro. — O Presidente da Província em seu último relatório destaca a importância dos trabalhos científicos empreendidos em benefício da Província, pelo nosso sábio patricio, Dr. Müller. O mesmo foi encarregado de reunir a coleção de sementes de todas as plantas nativas da Província e de enviá-la ao Governo. O Dr. Müller já por duas vezes se desincumbiu desta tarefa, isto é, a 9 de junho e a 10 de dezembro do ano passado e a sua exposição anexo ao relatório do Presidente, sobre as plantas cultivadas em nossa Província, é interessantíssima. O Dr. Müller atualmente reside na margem do Itajaí. Durante a Assembléia Provincial, foi apresentada a proposição de oferecer ao Dr. Müller residência na colônia Angelina, incumbindo-o, a mesmo tempo, da direção da referida colônia.

A coleção completa do «Kolonie-Zeitung» faz parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal de Joinville.

ATÉ CALMON

A localidade de Calmon, hoje pertencente ao município de Matos Costa, deve seu nome ao Ministro da Viação que inaugurou aquele trecho da estrada de ferro — Miguel Calmon du Pin e Almeida. Esse cidadão, muito elogiado por sua competência e que tinha grande poder político, foi colega de Lima Barreto na Escola Politécnica do Rio de Janeiro. O escritor, porém, não fazia coro aos elogios que lhe eram endereçados; ao contrário, tinha por ele profunda antipatia, considerando-o um falso intelectual e um engenheiro que, embora «medalhado em máquinas, nunca projetou um mancal...» Chegou mesmo a escrever contra ele um violento artigo, «O ideal de Bel Ami», hoje incluído em suas Obras Completas, onde comparou o antigo colega de aulas ao célebre personagem de Maupassant. Mas Lima às vezes exagerava nos seus ataques, de forma que suas palavras devem ser lidas como a expressão de sua antipatia pessoal. Calmon foi um aluno brilhante e um profissional renomado.

A curiosidade desse batismo parece ter apontado à pequena comunidade um destino singular. Com efeito, entre os muitos fatos de sua história, aconteceu-lhe ser atacada e incendiada pelos jagunços durante a Guerra do Contestado. Em 5 de setembro de 1914, relata em seu livro meu conterrâneo Antonio Pedro Tota, os fanáticos «atacaram Calmon, estação da estrada de ferro, próxima a uma grande serraria da «Lumber». A serraria foi incendiada e todos os homens mortos. E assim os sertanejos foram tomando as pequenas estações da «Brazil Railway».

Mais minucioso, Beneval de Oliveira assim descreveu o acontecimento: «Já nos primeiros dias de setembro de 1914, o comandante Chiquinho acompanhado de Vanuto Baiano, à frente de um piquete chucro atacou inesperadamente a estação ferroviária de Calmon, incendiando-a e massacrando seus moradores. A «Lumber Company», sediada em Três Barras, mas que possuía outra grande serraria nas imediações daquela estação foi igualmente atacada e destruída pelo fogo. Como o assalto se verificara ao entardecer, o incêndio da serraria entrou pela noite a dentro, iluminando com as labaredas crepítantes e paisagem escura daquele sertão revoltoso».

A «Lumber» a que ambos se referem, subsidiária da «Brazil Railway» e, portanto integrante do célebre Sindicato Farquard, era a «Southern Brazil Lumber and Colonization Co., cuja sede ficava em Três Barras mas que tinha em Calmon uma sucursal e imensas áreas de terras cobertas de árvores de corte, pinheiros e madeira de lei. Era considerada a maior empresa madeireira da América Latina e mais tarde foi incorporada ao patrimônio nacional.

Em Calmon ela mantinha seus escritórios, com funcionários e um administrador, dentre os quais recordo-me do Sr. Murilo Colin, pai do artista plástico Flávio Colin e, posteriormente, o americano Ernesto Bishopp, grande leitor de Érico Veríssimo, e cuja maior notoriedade se devia ao fato pouco comum de «enxugar», segundo diziam, até 45 cervejas numa só noite. Conheci a ambos e meu último encontro com Murilo Colin se deu em Curitiba, quando ele havia caído em desgraça e perdera o emprego. Já bem idoso e doente, lutava pela sobrevivência quando deveria estar gozando o ócio merecido da aposentadoria. Seu período como administrador, pelo menos aos meus olhos, foi de capricho e organização na Vila. Também entendido em remédios, era ele que socorria os doentes pobres do lugar.

Anos depois a «Lumber» passaria por um processo hoje muito em voga — sua seção de Calmon foi privatizada, passando às mãos de particulares. Nessa transação não faltaram acusações de mordidas no erário público, algumas das quais meu tio Waldemar Rupp, então Deputado Federal, andou denunciando, evidentemente sem o menor resultado. Mas essa é outra história, voltemos a Calmon, onde passei bons tempos da infância.

Esse intróito todo não passou de mero pretexto para dizer que já naqueles dias Calmon e Matos Costa lutavam por uma estrada que os ligasse a Porto União e Caçador, livrando-os das infernais pedreiras, buaqueiros e atoleiros então existentes. Agora, tantos anos passados, eles lutam pelo asfaltamento da estrada, permitindo um trânsito seguro e permanente, que não dependa das condições do tempo. Eles trabalham e produzem, precisam exercitar o comércio para que possam progredir cada vez mais. Seu sonho é a negra faixa asfáltica que os ligue ao Estado e ao País. Uma faixa que chegue até Porto União, que alcance Caçador, que cruze por Matos Costa. E que chegue até Calmon.

NA PAULICÉIA

Nos vários dias que passei na Paulicéia, entre ventos e chuviscos, o frio reinante foi compensado pelo calor da acolhida. Na primeira noite, atendendo ao convite da «gerente» Mariazinha Congílio e do «public relations» Henrique L. Alves, compareci ao jantar da «Pensão Jundiá» onde, apesar da afluência incomum de «hóspedes», tudo funcionou com perfeição — a comida farta, o atendimento ótimo, o quarto confortável, sem vazamentos de canos ou entupimentos indesejáveis.

Na tarde seguinte, conclamado pelo presidente Lycurgo de Castro Santos Filho, estive na sede do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP), onde participei de uma reunião do Centro de Estudos de História (CEHIS), ocasião em que pude dizer alguma coisa sobre Santa Catarina e sua literatura. Conheci as instalações da Instituição e recebi exemplares de sua excelente «Revista».

Ao anoitecer do dia seguinte, em meio a vários amigos, estive na Academia Paulista de Letras onde, além do prolongado papo, assisti à ilustrativa palestra de Benedicto Ferri de Barros sobre «A Geração de 45», da qual ele próprio é integrante.

Nessas andanças encontrei muitos amigos, novos e antigos, de escritos e de cartas: Mariazinha, Henrique, Lycurgo, Hernâni Donato, Moisés Gicovate, Roberto Machado Carvalho, Geraldo Pinto Rodrigues, Samuel Penido, Cyro Pimentel, Benedicto Ferri de Barros, Péricles Eugênio da Silva Ramos, Geraldo Vidigal, Marcos Rey, Luz e Silva, Mancel Alves Calixto, Everardo Tibiriçá, Aristides Theodoro, tantos e tantos outros, simpáticos e amáveis. Também encontrei vários leitores de «Blumenau em Cadernos».

E as horas se estenderam, os dias se esticaram. Não faltou tempo para os jantares com escritores, o cinema e o teatro, as livrarias e os sebos, e, principalmente, a 11ª. Bienal Internacional do Livro, no pavilhão do Ibirapuera, onde perambulei horas a fio, completando com a visita ao MAC e sua exposição de e sobre Oswald e Nonê de Andrade, pai e filho, seus quadros, desenhos, objetos pessoais, móveis e retratos, com destaque para o «Abaporu» e «A Negra», de Tarsila do Amaral, e «A Doída», de Anita Malfatti, obras recatadas e difíceis de se mostrarem em público.

Dias intensos, cheios, frenéticos. Desses em que a saudade começa antes mesmo de acabarem.

NOTÍCIAS

— O artista plástico Guido Heuer completou 20 anos de atividade incensante. Para comemorar, realizou a exposição «20 Anos de Arte», na galeria do Departamento de Cultura de Blumenau, exibindo seus mais expressivos metais gravados.

O poeta chapecoense Silvério R. da Costa vêm mantendo no jornal «Diário da Manhã», de sua cidade, a coluna «Fronte Cultural», onde registra tudo que ocorre no setor em sua região e no Estado.

— A UFSC promoveu o lançamento do livro «Militares e Civis num Governo sem Rumo», de autoria de Carlos Humberto Corrêa, co-editado pelas Editoras da UFSC e Lunardelli.

— A Editora do Escritor está completando 20 anos de existência. Com mais de 400 títulos editados, ela publicou inúmeros catarinenses, em obras individuais ou coletivas. Agora ela também possui uma livraria.

— A Associação Profissional de Escritores de Santa Catarina (AESC) está em fase de transição para o futuro Sindicato da classe. Para esse fim foi nomeada uma Comissão Provisória.

O ANIVERSÁRIO DO BELA VISTA COUNTRY CLUB

UM POUCO DE SAUDOSISMO E HISTÓRIA

(José Gonçalves)

O Bela Vista Country Club, neste dia 6 de setembro de 1990, está registrando seus 28 anos de fundação.

O ciclo de desenvolvimento deste notável clube de campo, não se fez com tanta facilidade como muitos imaginam.

Nascido de um ideal de Augustinho Schramm, Heinz Hartmann e Flávio Rosa, lançado numa reunião de mesa redonda de fim de tarde no Restaurante Chinês, eis que em poucas semanas o nome já havia sido escolhido e surgia o Bela Vista Country Club.

Origem

Numa tarde de meados de agosto de 1962, ao tomar lugar à mesa redonda em que nós nos reuníamos quase que diariamente no «Chinês», já encontrei reunidos Augustinho Schramm, Flávio Rosa e Heinz Hartmann. Logo que me aproximei, transmitiram-me a idéia que cativar eles analisando e que era a de fundar em Blumenau um clube de campo a exemplo do que havia acontecido em Curitiba, com a fundação do «Santa Mônica Clube de Campo». Entusiasmei-me logo pela idéia dos três amigos, unindo-me a eles para o que desse e viesse. Logo após, chegavam à mesa os companheiros e também amigos Nilton Kiesel (lco) e Helmuth Ziefuhs que, consultados, também aderiram com entusiasmo à idéia. Estava assim lançada a semente que haveria de germinar sobejamente.

Naquela mesma reunião em

torno da mesa redonda, foi decidido que far-se-ia num dos próximos dias, a reunião oficial que elaboraria o Ato Constitutivo. Isto aconteceu no dia 6 de setembro, quando foi redigido o Ato de Constituição do Bela Vista e cuja ata foi assinada por: Augustinho Schramm, Heinz Hartmann, Flávio Rosa, Nilton Kiesel, José Gonçalves, Luiz Metzger, José Luiz Ribeiro de Carvalho, Norberto Engel, João Waldir Klitzke, Roland Schmidt e Nicolau Eloy dos Santos. Estes foram os que participaram do Ato Constitutivo do Bela Vista Country Club.

Na mesma reunião, considerada data de fundação do clube, foi eleito o primeiro presidente — Presidente Provisório, cuja escolha recaiu na figura do idealizador Augustinho Schramm, cuja missão era a de promover, com assessoramento que haveria de escolher, a elaboração dos Estatutos do Clube. Para isso, foi seguido, em parte, o que constava dos Estatutos do «Santa Mônica Clube de Campo», adaptando-se alguns artigos às conveniências do novo clube que surgia. Algumas semanas mais tarde, estava concluída a redação dos Estatutos do BVCC. E então foi designada a data de 24 de outubro do mesmo ano para a realização da Assembléia Geral Ordinária, cuja Ordem do Dia seria a de tomar conhecimento dos termos dos Estatutos, discutí-los e, finalmente, com ou sem emendas, aprová-los. Como segundo ponto da Assembléia, fez-se a eleição da primeira Diretoria efetiva. O número de par-

ticipantes da Assembléia era confortador e tudo indicava o sucesso da iniciativa. Depois de aprovados os Estatutos, a escolha do primeiro Presidente efetivo recaiu na pessoa de Heinz Hartmann, que então assumiu um compromisso dos mais sérios em sua vida, que era o de fazer nascer do quase nada, o clube nos moldes em que tantos aspiravam passasse a existir.

A primeira fase da vida do BVCC foi muito difícil. A primeira dificuldade foi a escolha do terreno a ser adquirido. Finalmente foi encontrado, com aprovação geral, e, portanto adquirido, o que hoje constitui o patrimônio do BVCC.

A segunda fase, após a aquisição, foi a elaboração de um projeto de urbanização para transformar a área adquirida em local agradável para o lazer dos já então numerosos associados, necessitando-se, para isso, as condições financeiras. Diversas reuniões entre amigos e convidados foram realizadas em torno de um panelão de feijão, feijoada esta preparada sempre com muito carinho pelo companheiro e engenheiro Humberto de Almeida, com o auxílio de outros. Assim, mercê de realizações destas e de churrascadas, conseguiu-se os recursos para concluir o pagamento do custo do terreno e as primeiras obras de infra-estrutura, para cujos projetos o BVCC contou muito com a colaboração eficiente, espontânea e gratuita do abalizado projetista Henrique Herwig. Por isso que, a trilha que leva do caminho de chegada ao Clube até o bosque, formada por pedras quadrangulares, foi denominada oficialmente de «Heine Strasse». Fo-

ram nomeadas diversas comissões que tomaram a si o encargo de fazer alguma coisa dentro do complexo, de acordo com o projeto. Um dos que estiveram à frente do plantio de árvores ornamentais, de frutas e flores, foi o companheiro Arno Letzow.

E assim o Bela Vista Country Club foi surgindo aos olhos de todos como a realização de uma obra digna do blumenauense e fruto da união de muitos.

Constante dos projetos elaborados por técnicos que deram sua colaboração na maioria gratuita, foram surgindo: a sede provisória esportiva que aí está, a piscina, as quadras de tênis, o mini-golf, o magnífico bosque, o «Retiro dos Boêmios» (aquela construção localizada próximo à margem do rio, nos fundos do terreno), as canchas de bocha, o campinho para futebol infanto-juvenil, etc.

Não foi fácil chegar-se a tudo isso. Mas a perseverança dos primeiros dirigentes e associados, o aliciamento de outros valores que foram se associando e ocupando cargos de direção, chegou o Bela Vista Country Club aos dias de hoje, após 28 anos de vitoriosa trajetória. Um clube que já possui tradição, que orgulha seus associados e que é conceituado em todo o sul do Brasil.

A nossa saudade e reconhecimento aos esforços dos primeiros dirigentes e associados e, ao mesmo tempo, as homenagens merecidas aos que, em toda a trajetória e nos dias de hoje, ativeram-se a um programa de realizações, programa este idealizado pelos pioneiros e seguido à risca pelos seus sucessores na direção do Clube.

Ô PROBLEMA DAS ENCHENTES

Celso Liberato

Já de outras vezes tratamos do caso das enchentes do rio Itajaí-Açu, que de tempos em tempos assolam Blumenau e o Vale do Itajaí.

Hoje voltamos a bater a mesma tecla já velha e sofrida mas sempre atual e preocupante.

Tudo vai bem por aqui, com sol e céu azul, mas, de repente, sem ninguém esperar, o céu escurece e logo desabam as chuvas, que, não raro, persistem por dias e noites consecutivas a ensopar a terra.

Agora mesmo, em fevereiro, com as chuvas que caíam, o rio passou a inchar e assustar e com pouco atingia a marca de 8 metros acima de seu nível rotineiro.

A estas alturas já um leve temor de nova enchente pairava no ar, mas felizmente as chuvas cessaram, o rio tornou ao nível normal, os temores se desfizeram e tudo voltou a calma de antes.

Mas houve o risco de mais uma enchente que tanto podia ser pequena como média ou grande como aquelas do passado de 1852, 1880, 1911 e outras, com suas esteiras de destruições, perdas de vida, lágrimas e sofrimentos, prejuízos incalculáveis, tanto na esfera pública como na particular, recessão econômica e administrativa.

É ainda de relembrar a ação daqueles dois oceanos que mais recentemente, em 1983 e 1984 abalaram Blumenau e o Vale do Itajaí.

Esta sucessão histórica de dramas e às vezes até de tragédias, bem reflete os danos e transtornos que recaem sobre as comunidades regionais, na eclosão das enchentes.

É por essas e outras que em épocas de chuvas e trovoadas o **zffaire** enchentes está sempre presente nas apreensões e cuidados gerais da coletividade.

As obras que o governo federal instituiu há muitos anos com vistas ao embargo das cheias do Itajaí-Açu não alcançaram os resultados esperados, talvez por força da crônica falta de verbas.

Ultimamente, porém, com os trabalhos executados no rio pelo Departamento Nacional de Obras e Saneamento cujos efeitos parece já se fazer sentir, é de prever senão a extinção completa das enchentes mas o seu estacionamento em patamares mais baixos, compatíveis com a segurança e tranquilidade da região.

Para a consecução desse **desideratum** é ainda de se considerar o poder retentivo da rede de barragens de Taió, Ituporanga e José Boiteux (antiga Ibirama) que lá está para represar a arrancada das águas na hora das enchentes.

Está claro que estas perspectivas, ainda que promissoras, não dão para soltar foguetes, mas são uma esperança a mais, de que, no futuro, as comunidades de Blumenau e do Vale do Itajaí passem a viver e trabalhar em clima de confiança e serenidade, a salvo do pesadelo das enchentes.

Em suma, parece que outro não é o dilema senão este: ou se elimina as enchentes ou se mantém as enchentes em planos razoáveis ou tu-

do continua como até aqui, naquela velha base da dúvida e da incerteza do dia de amanhã.

Mas enquanto não se fecha o cerco mecânico das enchentes, o remédio é torcer para que tão cedo não chova grosso nas cabeceiras do rio, que, no entender dos entendidos, é sinal verde para o flagelo das inundações.

Jornal «Colonie Zeitung», nº. 20 de 16 de maio de 1863.

Um jardim modelo na Colônia

Notícias Locais

Abaixo da Colônia Blumenau no lugar chamado Belchior junto ao grande rio Itajaí, localiza-se uma propriedade, a criação do Senhor C. A. Herbst, que merece uma menção especial. Uma margem do rio localizada numa área bastante alta, com uma vista maravilhosa da corrente prateada do rio, antigamente uma verdadeira selva, muitas vezes cortada por um riacho, com sentido artístico foi transformado num lindo jardim, que reúne uma rica coleção da flora de todos os cinco continentes. Ali foram juntados os fragmentos de rocha espalhados, para grupos grotescos cujas frestas são preenchidas por lindos canteiros de flores no melhor bom gosto; nas encostas, feitos caminhos confortáveis e tudo plantado com bom gosto. Ali se encontra um cedro alemão, com quase 18 pés de altura espalhando seus ramos, ao lado da «Cycas revoluta» do Japão, floresce a azaléia da Índia, tendo ao lado o «Noltea» africana, a árvore de louro da Ásia Menor em comunidade com a «Aglaja adoratissima» da China. Uma alta e com muitos galhos ameixeira-algodoeira japonesa, foi enfeitada com inúmeras orquídeas, que em sua sombra desdobram suas flores maravilhosas e aos pés do mesmo delicadas glaxíneas, encantam os olhos do visitante. E bem no centro a trepadeira da hera tão conhecida entre as orquídeas no mais belo frescor, até os galhos da ameixeira. Mas aqui se estenderia muito se eu quisesse descrever todo o belo agrupamento de flores e plantas no jardim.

O jardim possui 58 diferentes espécies de árvores frutíferas e arbustos americanos e asiáticos, e 12 diferentes espécies europeias, além disto 12 espécies de palmeiras e mais de 100 plantas decorativas diversas, 33 espécies de tubérculos e cebolas, 9 diferentes plantas de condimentos e cores, e 54 orquídeas diversas, também muitas folhagens que as pessoas nem imaginam existir. (*) E esta criação tão ampla e única, o Senhor Herbst fez junto ao seu trabalho agrícola e sua imensa cultura de tabaco, num curto espaço de tempo de 7 anos. O Senhor Herbst terá o prazer de fornecer pormenores sobre suas plantas a amigos das mesmas com o respectivo preço e que se comuniquem com o mesmo por carta. Que seja esta comunicação bem-vinda a todos os amigos das plantas, nas proximidades ou também distantes.

* * *

(*) Um índice especial das diversas espécies se encontra a disposição na redação do jornal "Colonie Zeitung".

(Tradução **Edith Eimer**)

A LITERATURA DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ DE SANTA CATARINA

(VALE DO ITAJAÍ)

— Romancistas e poetas — obras mais significativas

Prof.^a Valburga Huber
UFRJ

Numa primeira incursão nas regiões catarinenses de colonização alemã, encontraremos romancistas como Wolfgang Ammon (S. Bento), Dr. Paul Aldinger (Hansa) e poetas como August Schnitzler, Ida Knoll, Elly Herkenhoff e Ernst Niemeyer (Joinville). Sua vasta obra inclui a epopéia Teuton — **Eines Brasilianers Lied**.

Dentre os escritores de passagem, escreveram sobre Santa Catarina: Maria Kahle (Blumenau), Elisa Protzen (Rio Grande do Sul), Wilhelm Schweitzer (Joinville), Wilhelm Rau (Joinville) Adolf Ringwald (Bom Retiro), Gustav e Therese Stutzer e Anni Brunner (Blumenau).

Em Blumenau, sobressaem os poetas Karl Kleine, Rudolf Damm, Georg Knoll, Victor Schleiff e os romancistas Gustav Stutzer, Therese Stutzer, Dr. Gensch, José Deeke, Emma Deeke, Gertrud Grosshering e o polígrafo Carlos Fouquet.

Destacamos dos mais importantes alguns dados:

Poetas: **Rudolf Damm**, nascido em Dresden, em 1858; emigrado em 1888, morreu em Blumenau em 1915. Poesias mais conhecidas: «Mein Vaterhaus» (Minha casa paterna); «Die Pioniere» (Os Pioneiros), «Deutsche Worte, Deutsche Weisen» (Palavras alemãs, melodias alemãs). Traduções: Poesias de Olavo Bilac, Gonçalves Dias,

Fagundes Varella, Guerra Junqueira e outros.

Georg Knoll nascido em Frankfurt a.M., emigrado em 1880. Entre suas poesias e contos, destacam-se «Urwalds Prinzesschen» (A princesinha da mata virgem); «Der Herr Vigário Von S. Angelo» (O Senhor vigário de S. Angelo); «Erinnerung» (Recordação); «Im Hochland» (No planalto); «Am Wasserfall» (À beira da catarata); «Orangetal» (O Vale das laranjeiras); «Neujahr» (Ano Novo); «Der Urwaldriese» (O gigante da floresta); «Amselschlag» (O canto do melro); «Luciana»; «Weihnachten in der Eincede» (Natal na misantropia); «Ostern» (Páscoa); «Ritt in der Mondnacht» (Cavalgada em noite de luar); «Am Lagerfeuer» (Ao pé da fogueira de acampamento); «Tangará»; «Gedanken über einen Brief» (Reflexões sobre uma carta); «Michels Tod» (A morte de Miguel); «Cruzeiro»; «Schulmeisterlein» (Pequeno mestre); «Verlassenes Land» (Terra abandonada); «Teuto-brasilianer»; «Hochlandskraehe und Pinienbaum» (A galha do planalto e o pinheiro).

Victor Schleiff nasceu em ... 1869 e morreu em 1953. Obra poética: «Ein Kampfdrama» (Um drama campestre); «Rückblick» (Retrospecto); «Aite und Neue Heimat» (Velha e nova pátria); «Hindenburg»; «Reminiscere»; «Pfungsten hüben und drüben» (Pentecostes aqui e alhures); «An die Botin des

neuen Deutschlands — Drei Sonette an Maria Kahle (A mensageira da nova Alemanha — três sonetos a Maria Kahle); «Euch, Deutsche Frauen, euch grüsst Blumenau!» (Blumenau vos saúda, mulheres alemãs!); «Das Grab im Urwald» (A Sepultura na floresta); «Heimweh» (Saudade); «Der Musterreiter», «Die ersten Einwanderer» (Os primeiros imigrantes); «Blumenau». «Neu Breslau»; Stimmungsbilder aus der Kolonie» (Impressões da Colônia).

Maria Kahle, visitante assídua do Vale do Itajaí, sobretudo na época da 1ª. Guerra Mundial, deixou belas poesias nos livros **Liebe und Heimat** (Amor e pátria); **Deutsche Worte** (Palavras alemãs) e **Urwaldsblumen** (Flores silvestres). Publicou também várias obras na Alemanha, sendo uma poetisa sensível, a que, dentre os escritores visitantes de Blumenau, melhor dominava a arte poética.

Romancistas:

Therese Stutzer: 1841-1916)

Viveu em Blumenau, depois em S. Paulo. De seus contos, destacam-se: «Tante Charlotte», «Elisabeth Baum», «Eva Katharine». Dos livros de contos: **Am Rande des brasilianischen Urwaldes** e **Jahr in der Heide**.

Gustav Stutzer (1839-1921), viveu em Blumenau e mais tarde, em S. Paulo, juntamente com sua esposa, acima mencionada. Obras: **Reiseerinnerungen eines alten Mannes aus den Jahren 1904-1914**. (Memórias de viagem de um homem velho nos anos de 1904-1914); «**Die leise Hand**» — conto (A mão suave); **Geheimnisse des Seelenlebens** (Segredos da vida psíquica); **Geheimnisse des Traumes — Unterhaltungen** (Segredos do sonho.

Conversas) e **Meine Therese (Minha Teresa)**.

José Deeke (nascido no Brasil — 1875-1831): tem seus trabalhos espalhados em jornais e almanaques. Escreveu, além de uma história de Blumenau, contos e descrições dos quais se destacam «Alberto Korfeld», «Die Freundschaft» (A amizade), «Silvana», «Um das Brasil-Deutschtum», «Auf dem Wege der Politik» (No caminho da política) e outros.

Emma Deeke (nascida no Brasil — 1875-1950). Era esposa de José Deeke e publicou, em jornais e revistas, contos, poesias e um romance chamado **Liebe und Pflicht** (Amor e dever). Entre os contos destacam-se: «August Klügers kuriose Entdeckung» (A curiosa descoberta de A. K.), «Heimkehr» (Volta ao lar); «Weihnachtserzaehlung» (Conto de Natal).

Todos estes romancistas escreveram também obras históricas e sociológicas e entre elas a de maior importância é **Gertrud Gross-Hering**. Nasceu em 1879 e morreu em 1968. Veio ao Brasil, com um ano de idade e tem a obra mais vasta. Romances: **Durch Irrtum zur Wahrheit** (Do erro à verdade); **Aus Kindern werden Leute** (Crianças tornam-se adultos), ambos publicados, em forma de folhetim, no jornal **Der Urwaldsbote**; **Der Weg der Frau Agnes Bach** (O caminho da Sra. Agnes Bach); **Ruck**; **Der Sonnenhof** (O sítio do sol); **Neue Wege** (Novos caminhos); **...und wenn der Wind darüber geht** (... e quando o vento passa por tudo); **Und dann kam die Loesung** (Então veio a solução); **Vereinte Kraefte** (A união faz a força); **Neue Heimat** (Nova pátria) — publicado numa revista na Alemanha — **Die Stimme des Blutes** (A voz do sangue); **Die beiden Brüder** (Os dois irmãos);

Verschlungene Wege (Caminhos entrelaçados), os três últimos publicados em jornais; e o romance inédito **Der Ruf über's Wasser** (O chamado sobre o mar).

Livro de contos: **Frauenschicksale** (Destino de mulheres), com os contos: «Elise Lingen», «Ein Stiefkind der Natur» (Um enteado da natureza); «Mutter Wantken» (Mãe Wantken). «Das Kroenlein» (A pequena coroa). Contos espaçados: «Grossvater Butzold wandert aus» (O vovô B. emigra). «Das Staerkere» (O que é mais forte); «Peter Grotmanns Erbschaft» (A herança de Peter Grotmann); «Sylvester Glocken» (Sinos de silvestre); «Die Urlaubsreise» (A viagem de férias) e «Segen ist der Mühe Preis» (A bênção é a recompensa do esforço).

Peça teatral: **Die Verbannung des Maerchens** (O exílio da lenda) — perdida.

Anni Brunner (viveu certo tempo em Blumenau, onde fundou a Editora Krystal Verlag). Escreveu um grande número de romances, dos quais citaremos somente os publicados em Blumenau: **Die Edelfalke** (O falcão nobre); **Der Fluch einer unseligen Stunde** (A

maldição de um momento infeliz); **Leben ist Kampf** (A vida é luta); **Der Weisse Palast** (O palácio branco); **Welhestunden** (Horas solenes); **Der Blumenstrauss** (O buquê de flores) e **Die Welterneuerung** (A renovação do mundo).

Carlos Fouquet (nascido em Blumenau, em 1897). Nome de grande projeção, por seus trabalhos sobre história da colonização alemã e suas pesquisas genealógicas. Escreveu também poesias, crônicas e ensaios em diversos jornais, sendo difícil circunscrevê-lo a Blumenau, pois sua obra é de cunho nacional e universal. Entre as mais importantes estão «A família Stutzer no Brasil» (ensaio genealógico); **Das Frauenschiff** (O navio de mulheres — narrativa poética); «Die Reimers» (Conto baseado na vida dos colonos) «Hermann Blumenau-Eine Erinnerung; 1850-1950 (artigo de almanaque) **O imigrante alemão** (estudo histórico/sociológico dos mais completos sobre o assunto).

Dentre os romances mais significativos, quanto à temática da imigração, estão os de Gertrud Gross-Hering, Emma Deeke, Gustav e Therese Stutzer.

A Família Blumenau

Quando o Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau, iniciou o seu projeto colonizador em 1850, era ele solteiro. Somente 14 anos após sua permanência no Brasil veio a casar-se. Este casamento ocorreu durante uma viagem que o Dr. Blumenau fez à Alemanha, onde permaneceu por um período de 4 anos. Nesta sua permanência no seu país de origem casou em 21 de março de 1867, com Berta Repsold, filha

de um proprietário de uma fábrica de instrumentos astronômicos.

Deste casamento nasceram 4 filhos:

1 — Pedro Hermann, nascido em 04 de maio 1868, Hamburgo.

2 — Christiane Amalie Blumenau, nascida em 1º. fevereiro 1870, Blumenau.

3 — Gertrudes Clara Blumenau, nascida em 27 dezembro .. 1871, Blumenau.

4 — Otto Carl Georg Blumenau, nascido em 03 março 1874, em Blumenau e falecido em 17 janeiro 1875. (10 meses e 14 dias).

A filha mais velha Christiane não deixou descendentes, faleceu em 1938 aos 68 anos solteira. (14/ outubro).

A filha Gertrudes, casou-se em 14 junho 1898 com o Comerciante Sierich. Deste casamento tiveram uma filha: Gerda que por sua vez casou com um Oficial da Marinha Hermann Jacobi. Estes não tiveram filhos e para alegrar aquele lar adotaram uma menina que recebeu o nome de Jutta Jacobi (não é a que veio em 1990).

O filho Pedro Hermann — casou-se em 14 de outubro de 1898, em Nova York. Do seu casamento nasceram dois filhos:

1 — Hermann — nascido em 22 janeiro 1904 em Clauthal-Zellerfeld.

2 — Werner — nascido em 30 Dezembro 1907 em Frankfurt.

Hermann Blumenau: casou com Gerda. Deste consórcio o casal teve uma filha JUTA que atualmente a única descendente direta do fundador da colônia ainda viva. É ela a bisneta do fundador da cidade. Hermann faleceu em 03 de setembro 1983, em Berlim.

Werner Blumenau: Casou-se e o casal teve 2 filhos.

1 — Raimar

2 — Erika que faleceu aos 32 anos.

Pedro Hermann o filho do Dr. Blumenau esteve em nossa cidade em 1909. Nesta ocasião fez a doação do Morro Aipim para a Municipalidade administrar. Faleceu em 7 de março de 1917 em Constantinopla. Seus restos mortais estão no cemitério dos Heróis da Terápia.

As filhas do Dr. Blumenau, Cristiane Amalie e Gertrudes estiveram visitando a sua terra natal no ano de 1937. Naquela oportunidade, foram festivamente recebidas pela população blumenauense. Vieram a convite do prefeito Alberto Stein.

Durante as comemorações do Centenário da Cidade em 1950, estiveram em nossa cidade a filha do Dr. Blumenau Gertrudes Sierich e sua filha Gerda Jacobi. Gertrudes faleceu aos 92 anos em 1964 na cidade de Hamburg.

No ano de 1974, após um intenso trabalho em conjunto, o Lions Club Cidade Jardim e suas co-irmãs Lions Club Blumenau Centro e Lions Club Blumenau Sul, conseguiram trazer os restos mortais do Fundador da cidade e seus familiares.

Foram solenemente depositados no Mausoléu erguido em sua homenagem no centro da cidade que leva o seu nome, no dia 2 de setembro de 1974.

O retorno do Dr. Blumenau à cidade através das suas cinzas vem expressar o cumprimento de um desejo do Dr. Blumenau. Em sua carta de despedida endereçada ao Imperador D. Pedro II, Hermann Blumenau externa a sua vontade «...Teria desejado deixar um dia minhas cinzas no torrão em que derramei meu suor, mas tenho de curvar-me aos ditames do destino».

O mentor da construção do Mausoléu da Família do Dr. Blumenau foi o historiador José Ferreira da Silva e a sua edificação ocorreu na gestão do Prefeito Félix Theiss.

Observação: Estão depositados os restos mortais no Mausoléu dos

seguintes membros da família Blumenau:

- 1 — Dr. Herman Bruno Otto Blumenau * 26.12.1819
† 30.10.1899
- 2 — Berta Repsold Blumenau * 02.10.1833
† 31.10.1917
- 3 — Cristine Blumenau * 10.12.1870
† 14.01.1938

- 4 — Otto Georg Karl Blumenau * 03.03.1874
† 17.01.1875
- 5 — Hermann Otto Georg Blumenau * 22.01.1904
† 03.09.1983
- 6 — Gertrud Charlotte Agnes Blumenau * 30.11.1906
† 09.01.1988

Sueli M. V. Petry

Aconteceu...

Agosto de 1990

DIA 4 — Com um bem elaborado programa de festividades, a cidade de Brusque comemorou a passagem de seus 130 anos de fundação, etapa que começou a 4 de agosto de 1860.

* * *

DIA 4 — Dando prosseguimento às suas intensas atividades em defesa do meio ambiente e do equilíbrio ecológico, a Associação Catarinense de Preservação da Natureza — ACAPRENA — realizou, tendo por local a sala de mineralogia da FURB, no Bloco «T» o terceiro curso, este de Problemas Geológicos de Blumenau. O desenvolvimento do curso foi intensivo, tendo sido ministrante o Geólogo e Professor Juarez José Aumond. Houve projeção de slides e entre os itens desenvolvidos estiveram: Blumenau x outras cidades — Geomorfologia — Heterogeneidade — Sul Norte — Ocupação de Encostas — Erosão/Escoamentos e Problemas de água.

* * *

DIA 6 — Com apenas 44 anos de idade, faleceu, na capital do Estado, o conceituado e aplaudido jornalista Beto Stodieck que, apesar de ser formado em direito, dedicou toda sua vida à imprensa, pela qual nutria amor e dedicação. Seus trabalhos jornalísticos sempre foram muito aplaudidos por seus milhares de leitores. Seu corpo foi velado na Capela do Cemitério São Francisco de Assis, de Florianópolis, no Itacorumbi, tendo sido sepultado no dia seguinte. Seu sepultamento foi acompanhado por centenas de pessoas que lhe prestaram, assim, a última homenagem com o reconhecimento de que sua vida, de tão curta duração, teve sempre a característica de arregimentar em torno de si amigos e admiradores.

* * *

DIA 7 — No auditório «Heinz Geyer», do Teatro Carlos Gomes, foi apresentada a peça «Pelos Sete Pecados», com Simone Carvalho e Ed-

son Fleschi, uma comédia musical de Gugu Olimeche, com direção de Oswaldo Loureiro.

* * *

DIA 5 — Como parte da programação de eventos da Divisão de Promoções Culturais, da FURB, foi aberta a exposição da artista plástica indaialense Margarete Busch. Cerca de 30 obras foram expostas.

* * *

DIA 9 — Interpretado pela Cia. de Teatro e Dança Rainha de Duas Cabeças apresentou-se no Teatro Carlos Gomes a peça de Cesar Almeida e Thirsa Nacle, «O Desejo que não Coube», espetáculo bastante aplaudido.

* * *

DIA 11 — Encerrou-se, na Galeria Municipal de Artes, a exposição «20 anos de Arte de Guido Heuer», na qual foram apresentados os mais ricos e artísticos trabalhos do conhecido e aplaudido artista. A promoção foi do Departamento de Cultura da Prefeitura de Blumenau.

* * *

DIA 11 — O prefeito Víctor Fernando Sasse, acompanhado pela Secretária de Educação Dinorah Krieger Gonçalves, presidiu as solenidades de inauguração e entrega de duas novas salas de aula na Escola Básica Municipal «Oscar Unbehaun», localizada no bairro Água Verde. O educandário que já possuía 495 alunos, passa a aumentar agora a capacidade de matrícula em mais 140 alunos.

* * *

DIA 13 — Com a participação da Polícia Militar e a Banda de Música do 23º. B. I. o Sub-agrupamento do Corpo de Bombeiros de Blumenau comemorou a passagem dos 32 anos de instalação daquela corporação em Blumenau e que muitos serviços de alto valor tem prestado à comunidade em geral.

* * *

DIA 16 — Foi aberta a exposição de pinturas e fotografias de Anderson Rodrigues, (pinturas, desenhos e objetos), Thais Zumblick (pintura) e Marta Moritz (fotografias), na Galeria Municipal de Artes. A promoção foi do Departamento de Cultura da Prefeitura de Blumenau.

* * *

DIA 18 — Na Sociedade Dramático-Musical Carlos Gomes, realizaram-se as palestras referentes ao lançamento da Campanha Anti-Droga, uma promoção do Rotary Club «Hermann Blumenau» e que teve como palestrantes o Dr. Jairo Brincas, presidente do Conselho Estadual de En-

tórpecentes, Dr. Jorge Luiz, do Conselho de Drogas da Secretaria Estadual de Educação e o Dr. Antonio Fernando do Amaral e Silva, Juiz de Menores da Comarca de Blumenau e Presidente do Forum da mesma Comarca.

* * *

DIA 16 — Na PROEB, foi aberto o Terceiro Congresso Brasileiro de Ciência e Tecnologia em Cerveja, acontecimento que mobilizou o país inteiro entre os interessados no assunto, os cervejeiros de todo o Brasil.

* * *

DIA 17 — Com o 3º. Congresso Brasileiro já instalado no dia anterior, Blumenau tornou-se a capital mundial da cerveja, com a abertura, neste dia, da 1ª. Feira Internacional de Tecnologia em Bebidas, cujo evento também aconteceu num dos pavilhões da PROEB. O número de visitantes em Blumenau, nestes dias dos dois eventos, cresceu enormemente, tornando o centro da cidade bastante mais movimentado. Durante os dois eventos, foi mostrado o que há de mais moderno na tecnologia do fabrico de cerveja.

* * *

DIA 18 — Embora tenha sido instalada em março de 1965, a APAE de Blumenau festejou, neste dia 18, os seus vinte e cinco anos de fundação, com assinalados serviços prestados à comunidade blumenauense. Na oportunidade, 22 crianças integrantes daquele estabelecimento educacional para excepcionais, juntamente com adolescentes, prestaram justa e merecida homenagem aos fundadores, ex-presidentes, diretores e colaboradores da entidade.

* * *

DIA 19 — A imprensa (JSC) divulga uma notícia que causou preocupação às autoridades e à população. Foram as declarações do engenheiro João Caropreso, autor do projeto e responsável por um terço das obras daquela via, manifestando a sua preocupação ante a possibilidade de sérios problemas a serem sofridos pela avenida Beira Rio, cujos alicerces estão cedendo em face da circulação de ônibus. A notícia afirma em manchete de que a «Beira Rio está condenada», e que na opinião do engenheiro, pode ruir a qualquer instante.

* * *

DIA 24 — Na Sociedade Recreativa Cultural de Timbó, foi realizada a solenidade do lançamento do livro de Wilmar Marcos Harbs, com fotos de Mário Holetz, «Na Proa do Amanhecer», cujo evento atraiu numerosas pessoas.

* * *

DIA 24 — Na Fundação Indaialense de Cultura, tendo por local a Biblioteca Pública Municipal «Cruz e Souza», realizou-se a instalação da

III Coletiva Indaialense de Arte, cuja solenidade foi prestigiada pela comunidade daquela progressista cidade.

* * *

DIA 27 — O prefeito Victor Fernando Sasse fez entrega, às 18 horas, de três novas salas de aula à Escola Municipal «Zulma Souza da Silva», cuja solenidade reuniu grande número de famílias.

* * *

DIA 28 — Prosseguindo o programa de inauguração de salas de aula no ensino blumenauense, o prefeito Victor Fernando Sasse presidiu a solenidade de inauguração de mais duas salas de aula e serviços sanitários na Escola Municipal «Adelaide Starke». Na oportunidade o prefeito anunciou que em sua agenda achavam-se ainda, para a semana que antecedia as comemorações dos 140 anos de Blumenau, a inauguração de novas salas de aula nas Escolas Municipais «Duque de Caxias», «Norma Dignart Huber», «Euclides de Castro», «Henrique Alfarth», Centro Social da rua Hermann Tribess, Centro Social da Itoupava Central, o da rua Bruno Schreiber e o da rua Coripós, assim como as Escolas «Rodolfo Hollenweger» e «Visconde de Taunay».

* * *

DIA 29 — Mais de 50 pessoas prestigiaram a solenidade de abertura do III Seminário do Projeto Itajaí, na FURB, tendo comparecido também o prefeito Victor Fernando Sasse, assim como outros prefeitos de municípios vizinhos e autoridades estaduais ligadas ao assunto. O objetivo do Projeto, foi a discussão dos problemas ambientais que envolvem a Bacia Hidrográfica do Vale do Itajaí Açu.

* * *

DIA 30 — No Bloco G da FURB, foi aberto o 13º. Festival Universitário da Canção, com a presença de numerosas pessoas.

* * *

DIA 30 — Foi aberto, no Teatro Carlos Gomes, o XVI Simpósio Nacional da Rede Feminina de Combate ao Câncer, que reuniu, além de médicos e especialistas em oncologia, cerca de 700 voluntárias de todas as entidades que se dedicam, no Brasil ao trabalho de prevenção e diagnóstico precoce da doença.

* * *

DIA 31 — Promovido pelo Departamento de Cultura de Timbó, realizou-se no Clube Ginástico Guairacás, daquela cidade, a solenidade de abertura da exposição de pintura da artista Dirce Berndt, assim como noite de autógrafos dos livros (poesia) de Roberto Diniz Saut «Dezesseis Poemas Numa Noite Absoluta», «Circo Aparente da Vida Real», e «Habitat 2.000», bem como dos livros de Lindolf Bell «Coleção Escritores Catarinenses, Série Hoje».

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nr. 1835, de 7 de abril de 1972.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nr. 2.028, de 4/9/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nr. 6.643, de 3/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural do Ministério da Cultura, sob o nr. 42.002219/87-50,
instituído pela Lei 7.505, de 2/7/86.

83015 B L U M E N A U

Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO:

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", MANTÉM:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edite Gaertner"
Edita a revista "**Blumenau em Cadernos**"
Tipografia e Encadernação

CONSELHO CURADOR: Presidente — Frederico Kilian; vice-presidente — Urda Alice Klueger.

MEMBROS: Julio Zadrozny — Sra. Ilse Schmider — Martinho Bruning — Ernesto Stodieck Jr. — Ingo Wolfgang Hering — Nestor Seara Heusi — Rolf Ehlke — Arthur Fouquet e Frank Graff.

DIRETOR EXECUTIVO: José Gonçalves

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM. ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA